



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

CECY EMANUELA PEREIRA DA SILVA

PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA “O CORTIÇO”:
REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO SÉCULO XIX

CAMPINA GRANDE – PB

2015

CECY EMANUELA PEREIRA DA SILVA

PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA “O CORTIÇO”:
REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO SÉCULO XIX

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientadora: Prof^a. Ms.^a Tássia Tavares de Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S586p

Silva, Cecy Emanuela Pereira da Silva.

Personagens femininas na obra "O Cortiço": representações da mulher no século XIX / Cecy Emanuela Pereira da Silva. – Campina Grande, 2015.
40 f..

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Prof. Ms. Tássia Tavares de Oliveira".
Referências.

1. Literatura. 2. Mulher. 3. O Cortiço. I. Oliveira, Tássia Tavares de. II. Título.

CDU 82-31(81)(043)

CECY EMANUELA PEREIRA DA SILVA

PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA "O CORTIÇO":
REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO SÉCULO XIX

Monografia de conclusão de curso apresentada ao curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão de do curso.

Aprovada em 20 de março de 2015

Banca Examinadora:

Tássia Tavares de Oliveira

Orientadora: Prof^ª. Ms.^ª. Tássia Tavares de Oliveira

(UFCG/UAL)

Paloma do Nascimento Oliveira

Prof^ª Examinadora Ms.^ª Paloma do Nascimento Oliveira.

(UFCG/UAL)

A Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu sopro de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar a realidade e propor sempre um novo mundo de possibilidades. A minha Mãe, meu marido, irmãos e sobrinhos por me apoiarem nessa árdua caminhada.

AGRADECIMENTOS

“*Veni, vidi, vici*” – escrever esses agradecimentos talvez seja para mim a parte mais difícil e a mais prazerosa neste percurso. Durante muitos anos meu maior sonho era fazer parte dessa instituição de ensino, e finalmente quando consigo ela deixar de ser meu sonho dourado. Por sete anos vivi aqui um misto de sentimentos, uma relação de amor e ódio... Foram os dias mais intermináveis, angustiosos e prazerosos. Quem me conhece certamente sabe as angustias vividas ao longo desses anos. Mas agora é chegada a hora da minha liberdade acadêmica!

Após o desabafo acima, começo agora de fato os agradecimentos: a Deus, por ter sido tão misericordioso para comigo, me permitindo viver tudo com sabedoria e discernimento, por seu amor infinito, pelas bênçãos alcançadas. Obrigada, Pai!

A minha Mainha, meu porto, meu norte. Foi por você Mainha que cheguei até aqui, para te dá à felicidade de ter uma filha formada, a você dedico essa vitória.

Ao meu amado marido, sempre tão bondoso e paciente durante as minhas crises de ansiedade e desânimo sempre me incentivando, sempre me apoiando. Durante essa etapa final, estivemos longe um do outro fisicamente por motivos maiores, mas eu estou chegando Amor e juntos vamos concretizar os nossos sonhos. Te amo meu Cacau!

Aos meus irmãos, todo o meu carinho e toda a minha arenga, amo vocês. Aos meus sobrinhos lindos Sara e Alvin que me mostraram o amor puro. Títia ama vocês!

Aos meus não tão numerosos mais verdadeiros (as) amigos (as): Ionara, Débora, Diva, Divany, Hérica, Dorys, Mônica, Denise, Kellysson. Minhas companheiros de curso: Cáthia, Gaby, Jéssica, Elizangela, Fábria, Thayses, Flávia Jaiane, Arethusa, Amanda, Suzianne, Anna Karla, enfim a todos e todas que caminharam junto a mim até aqui. Que nossa amizade ultrapasse os portões da UFCG!

Aos queridos Marciano e Valdermar, as verdadeiras almas do curso de Letras, sem vocês, estaríamos ao léu. Que Deus os abençoe sempre que sejam sempre esses anjos na vida dos futuros “letristas”.

Aos meus professores que me conduziram às vezes por caminhos dolorosos a chegar até aqui, e em especial a minha orientadora Professora Doutora Tássia Tavares. A todos, meu muito obrigada!

“Aprenda a gostar, mas gostar mesmo, das coisas que deve fazer e das pessoas que o cercam. Em pouco tempo descobrirá que a vida é muito boa e que você é uma pessoa querida por todos.”

Rubem Alves

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 14 |
| 2 A MULHER NO MEIO SOCIAL E LITERÁRIO DO SÉCULO XIX | 17 |
| 3 O ROMANCE NATURALISTA | 23 |
| 3.1 O Naturalismo | 23 |
| 3.2 A personagem | 25 |
| 4 AS REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO ROMANCE “O CORTIÇO” DE ALUISIO DE AZEVEDO: A ANÁLISE | 30 |
| 4.1 Rita Baiana | 31 |
| 4.2 Bertoleza | 34 |
| 4.3 Pombinha | 36 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 39 |
| REFERÊNCIAS | 41 |

RESUMO

O presente trabalho busca estudar a representação das personagens femininas no romance *O Cortiço* (1890) de Aluísio de Azevedo, atentando para o modo como elas foram construídas, visto que estas representações partem da perspectiva de um universo másculo, ou seja, o comportamento feminino parte de um olhar construído pelo masculino. Azevedo está inserido em uma estética literária que é o movimento Naturalista. Em 1890 publica *O Cortiço* obra que descreve acerca da exploração social e a péssima condição de vida dos moradores pobres dos cortiços cariocas do final do século XIX. O narrador onisciente atribui aos personagens adjetivos e ações de animais irracionais que agem por impulso. A figura da mulher é retratada, nesta obra, de forma patológica e animalesca, apresentando desvios psicológicos que incidem sobre a sensualidade, acentuam o adultério e configuram a lesbiandade considerados na época como patologias. Os estudos acerca da representação da mulher através do olhar masculino carecem de uma abordagem mais profunda, pois o homem ainda a descreve sob a ótica patriarcal, delimitando a mulher como um ser frágil e submisso, e por vezes diabólico e perigoso. O corpus de pesquisa é constituído pelo romance naturalista *O Cortiço* de Azevedo, de onde retiramos as diferentes representações da mulher, exemplificados pelos perfis de Rita Baiana, Bertoleza e Pombinha. Desse corpus retiramos trechos para exemplificação do tema proposto. A análise dos dados se ancora principalmente nas concepções mostradas por Rago (2004) e Del Priorie (2006) e nos estudos literários realizados por Candido (1993), Bosi (2006), Beth Brait (1985), embora também recorramos a outros estudiosos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Mulher. *O Cortiço*.

ABSTRACT

This work studies the representation of female characters in the novel *O Cortiço* (1890) of Aluísio de Azevedo, paying attention to the way they were built, as these representations depart from the perspective of a male universe, ie, the behavior female part of a look built by the male. Azevedo is part of a literary aesthetic that is the Naturalist movement. In 1890 publishes *The Slum* work that describes about the social exploitation and the terrible living conditions of the poor residents of Rio's slums end of the century XIX. O omniscient narrator attaches to adjectives characters and irrational animals of actions that act on impulse. The figure of the woman is portrayed in this work of pathological and animalistic, with psychological deviations that focus on sensuality, accentuate adultery and configure the lesbiandade considered at the time as pathologies. The studies on the representation of women through the male gaze lack a deeper approach, because the man still describes in the patriarchal view, delimiting the women as weak and submissive, and sometimes diabolical and dangerous.

KEYWORDS: Literature. Women. *O Cortiço*.

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objeto de estudo as representações da mulher no romance *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo. Nosso interesse, considerando o gênero literário e os perfis femininos, parte da seguinte questão: Quais as representações de mulher são usadas predominantemente na obra de Aluísio de Azevedo, *O Cortiço*, ao apresentar Rita Baiana, Bertoleza e Pombinha em seu romance naturalista?

Para responder a essa questão, definimos como objetivo geral analisar três das principais personagens femininas da obra *O Cortiço*: Rita Baiana, Pombinha e Bertoleza.

Para atingir esse objetivo, nossa análise procura: enumerar as características naturalistas na construção das personagens femininas e na visão apresentada sobre elas pelo narrador; identificar diferentes padrões de comportamento feminino evidenciados na obra a partir das três personagens citadas e problematizar tais representações sob a perspectiva da crítica feminista.

O *corpus* de pesquisa é constituído pelo romance naturalista *O Cortiço* de Azevedo, de onde retiramos as diferentes representações da mulher, exemplificados pelos perfis de Rita Baiana, Bertoleza e Pombinha. Desse *corpus* retiramos trechos para exemplificação do tema proposto.

É importante destacar que, na apresentação de nossa análise, os dados são organizados assim: os recortes do *corpus* são indicados pela numeração contínua e estão agrupados pela ordem de análise das personagens do romance – Rita Baiana, Bertoleza e Pombinha; ao final de cada um dos *corpora*, identifica-se o contexto e os perfis das mulheres, levando-se em consideração as três figuras femininas do romance, escolhidas, propositalmente, para a análise.

Na análise dos dados, nossa pesquisa se enquadra metodologicamente como uma análise de conteúdo, de cunho bibliográfico, com abordagem qualitativa e, de acordo com a classificação dos objetivos, é classificada como exploratória e descritiva.

A análise dos dados se ancora principalmente nas concepções mostradas por Rago (2004) e Del Priorie (2006) e nos estudos literários realizados por Candido (1993), Bosi (2006), Beth Brait (1985), embora também recorramos a outros estudiosos.

Na perspectiva literária, ressalta-se que é impossível nos depreendermos nas obras literárias sem observarmos o contexto histórico ao qual a obra foi escrita ou em que a personagem está inserida, afinal é preciso que haja uma mudança na esfera social que recairá na literária e como a literatura era dominada por homens, pois assim como na vida pública era praticamente unânime sua participação, a mulher era coadjuvante e sem voz na sociedade patriarcal.

Mesmo o Estado brasileiro se “modernizando” ao longo do século XIX, a discrepância entre homens e mulheres ainda continuava estática, ou seja, enraizada nos costumes que tem como fito preservar os valores estabelecidos pela sociedade durante os séculos anteriores.

A obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritores e sociedade. Mesmo que a literatura não esteja necessariamente ligada a uma realidade verossímil pois ela pode ser fantástica, como por exemplo, os contos de fadas - ainda assim deixam resquícios, através dos costumes de uma dada sociedade o qual o personagem está inserido.

As mulheres da época não se definiam, mas eram definidas pelos homens. Em nossa cultura ocidental convencionou-se denominar a mulher como “sexo frágil”, o que em um sistema de organização social patriarcal, implica uma relação de inferioridade em relação ao homem.

De acordo com Del Priore (2006), a sociedade burguesa do século XIX tinha como essencial o trabalho masculino, uma sociedade altamente machista e opressora com relação à mulher e sua emancipação.

Desde as últimas décadas do século XIX, as mulheres vêm lutando frente ao machismo, batalhando para conseguir mais abertura no espaço público e privado. Em todas as áreas, pode-se notar o quanto as mulheres buscaram, lutaram e conquistaram seu espaço na sociedade, derrubando as barreiras do preconceito e do machismo que expressam à mulher como dona de casa abdicada de todo e qualquer direito sobre o seu corpo, ato e proibida até de expressar seus pensamentos.

Levando-se em consideração à obra *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, nota-se de pronto que o título já evidencia o ambiente onde a história se passa, o cenário é uma habitação coletiva, popularmente chamada de cortiço.

Toda essa coletividade se empenha incessantemente na própria sobrevivência, que só é conquistada com muito sofrimento. Assim, Azevedo, ao

caracterizar o ambiente, preocupa-se com os conflitos da época que influenciaram e interferiam no comportamento das camadas da sociedade.

A obra se filia à escola literária o Naturalismo, que discorria acerca do mundo através das forças da natureza, o ser humano estando “preso” às suas características biológicas (hereditariedade) e no meio social em que vive, a realidade era mostrada através de uma forma científica (influência do Positivismo). Na literatura, ocorria muito o uso de descrições de ambientes e de pessoas, influenciadas pelo evolucionismo de Charles Darwin (Bosi, 2006).

Para Candido (1993), a animalização ou zoormofização que incide sobre as personagens de *O Cortiço (1890)* é diferenciada e mediada pela categoria trabalho: “os pobres que trabalhavam em condições brutais e desumanas (Bertoleza, Jerônimo, João Romão, este antes de ascender socialmente) são formalizados de modo muito mais animalesco, reflexo das condições a eles oferecidas”.

O fato de pensarmos que tal personagem foi inspirado em um ser real se deve ao fato de que o autor, muitas vezes, utiliza-se da verossimilhança, ou seja, utiliza-se da realidade, de traços de alguém através da observação de comportamentos ou às vezes utiliza fatos históricos para compor tal personagem.

Segundo nos mostra Brait (1985, p. 29), essa concepção de *mimeses* “empobrecia as afirmações do conceito de verossimilhança do discurso aristotélico”. A aproximação desse ser fictício com a situação narrada nos faz pensar e acreditar que tal personagem foi criada, inspirada em algo ou alguém.

Tal representação é característica de duas escolas literárias: O realismo e o naturalismo, que abarcam essa psicologia trazendo assim para as suas personagens uma aproximação com o leitor que em muitos romances se confundem ou se veem naquele determinado personagem.

Com o objetivo de mostrar/evidenciar como se dá as representações femininas no romance *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, subdivide-se este trabalho do seguinte modo: esta introdução; o capítulo dois, em que apresentamos a mulher no meio social e literário; o capítulo três, em que tecemos acerca da escola literária do Naturalismo e das personagens que são de suma importância para o romance; e o capítulo quatro com a análise do *corpus* apresentada através de algumas das figuras femininas apresentadas no romance, quais sejam: Rita Baiana, Bertoleza e Pombinha; as considerações finais e as referências.

2. A MULHER NO MEIO SOCIAL E LITERÁRIO DO SÉCULO XIX

Podemos tentar definir Mulher como ser do sexo feminino, a partir de características biológicas específicas. Mas a categoria “mulher” apresenta variações em regiões, culturas, épocas diferentes.¹

A representação feminina enraizada em quase todas as sociedades do mundo tem como atributo a fragilidade, a subordinação ao homem e à sociedade, sendo, portanto, uma figura coadjuvante em todos os aspectos da vida pública.

Partindo disto, percebe-se que as representações culturais do sexo feminino são associadas, essencialmente, à candura e à delicadeza, ficando então descabido uma mulher ser forte, por ser considerada uma característica máscula, assim restrita apenas aos homens.

Por isso, o preconceito de gênero e o machismo são preponderantes na sociedade desde os tempos primórdios, afinal na divisão de tarefas, ela ficava incumbida com as atividades do lar, como os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos, já ele era o provedor do lar, responsável pelo sustento do mesmo. Ressalta-se que essa visão minimalista acerca da mulher provém de homens que sempre se consideravam os fortes, os viris e guerreiros, considerando-se os melhores.

Levando-se em consideração a obra *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, podemos ver como eram retratadas as mulheres do Século XIX, com diferentes origens e ideologias, nas quais nos deteremos à análise das personagens Rita Baiana, Bertoleza e Pombinha.

Assim, evidencia-se o jogo de representações da sociedade do final do século XIX e início do século XX, que definiu o que é ser mulher em uma época onde as questões de poder eram construídas sob um olhar preconceituoso dos homens.

Por isso, as mulheres não se definiam, mas eram definidas. Em nossa cultura ocidental convencionou-se a denominar a mulher como “sexo frágil”, o que em um sistema de organização social patriarcal, implica uma relação de inferioridade em relação ao homem.

¹ Por exemplo, a “mulher paraibana” é um estereótipo de mulher guerreira a tão ponto que são chamadas de “Mulheres Macho”, atribuindo o caráter da força como sendo um atributo exclusivo da masculinidade.

Em questões de gênero, falar em fragilidade feminina não implica necessariamente referir-se à força física, em sentido biológico, mas em sentido simbólico.²

Ser mulher até aproximadamente o final dos anos 1960, significava identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um “bom partido” para em um casamento indissolúvel e afeiçoar-se a atividades leves e delicadas que exigisse pouco esforço físico e mental. (RAGO, 2004, p. 31).

Dessa forma, as mulheres não podem ser analisadas de maneira isolada, pois são um reflexo das relações sociais, seja na esfera interna (família) como na esfera externa (sociedade), por isso, durante muito tempo, a mulher foi objeto da literatura que queria decifrar o que se passava em sua cabeça².

É impossível nos deprendermos nas obras literárias sem observarmos o contexto histórico a qual a obra foi escrita ou em que a personagem está inserida. Por isso, fica evidente que é necessário que haja uma mudança na esfera social que recairá na literária, afinal a participação masculina era praticamente unânime, a mulher era coadjuvante e sem voz na sociedade patriarcal.

A obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritores e sociedade. Mesmo que a literatura não esteja necessariamente ligada a uma realidade verossímil, pois ela pode ser fantástica, como por exemplo, os contos de fadas ainda assim deixam resquícios, através dos costumes de uma dada sociedade o qual o personagem está inserido.

Mesmo o Estado brasileiro se “modernizando” ao longo do século XIX, a discrepância entre homens e mulheres ainda continuava estática, ou seja, enraizada nos costumes que tem como fito preservar os valores estabelecidos pela sociedade durante os séculos anteriores.

O jogo de representações da sociedade do final do século XIX e início do século XX, refletidas na Literatura, definiu o que é ser mulher em uma época onde as questões de poder eram construídas sob um olhar preconceituoso dos homens. As mulheres não se definiam, mas eram definidas.

² A literatura contemporânea ainda tenta decifrar a mulher, com todas as suas minúcias e peculiaridades, como vislumbramos na obra, por exemplo, de Clarice Lispector, afinal nem a própria mulher consegue descrever as minúcias de cada uma, já que são um grupo heterogêneo, por isso não é espantoso muitos críticos não entenderem a obra da referida autora.

As mulheres que tinham outros sonhos que não fossem apenas se preparar para o casamento, segundo Rago (2004), eram denominadas “mulheres públicas”, sendo definidas ao longo do tempo, como “modernas”, que tinha o significado distorcido, sendo caracterizadas como promíscuas. A “mulher pública” que não possuía esse desejo era recriminada e humilhada pela sociedade, vivia uma vida “solta”, frequentava bares e praças e por isso pagava um alto preço sofrendo perseguição policial, violência física e psicológica.

A autora supracitada afirma que muitas mulheres criticam seus lares, pois estes não são o “ninho aconchegante e tranquilo”. Mas que assim como no campo de trabalho, seja este privado ou público, o lar é um lugar de competição acirrada, do exercício da violência de gênero, sexíssimo e racismo (RAGO, 2004, p 31). Há de se romper com esse paradigma de que o lar só é feliz se administrado por uma dona de casa. Ninguém diz isso sobre os homens.

A mulher da sociedade burguesa era educada para o lar, para o marido e para a maternidade. O ambiente “natural” delas estava circunscrito ao lar, educando e gerando filhos de seus maridos, sendo subservientes aos seus cônjuges. Portanto, a identidade feminina do século XIX definida pela sociedade e pela medicina desta época, resignava à mulher a ser mãe, pois era através do seu “órgão específico – o útero, capaz de responder por todos os seus bons e maus funcionamentos fisiológicos, psíquicos e emocionais” (RAGO, 2004 p 31).

Já a “mulher pública”, por ser pobre e muitas vezes negra, sofria uma forte pressão em relação ao seu comportamento acerca da família, uma vez que muitas delas eram responsáveis pela criação e sustento de seus filhos. Assim, a mulher inserida nesse grupo, eram aquelas que tinham uma função apenas de deleite masculino, sendo apenas para diversão, ou seja, não eram preparadas para o casamento e nem para a maternidade. Todavia, isso se devia não apenas a condição econômica principalmente das mulheres pobres, mas também por sua situação de mulher traída e abandonada que sem lhes restar alternativa, assumiam o papel de chefe de família trabalhando agora para fora.

As mudanças no comportamento feminino incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas. Afinal, era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas “de boa família”, que se aventuravam sozinhas pelas ruas das cidades para abastecer a casa ou para tudo o que se fizesse necessário. (MALUF e MOTT, 1998 p. 368).

Esse grupo, em sua maioria, abarcava mulheres que sustentavam suas casas, através de seu trabalho, sendo desvalorizadas pela sociedade, de modo que praticavam a mesma atividade que os homens e mesmo assim a remuneração era inferior, fato que ocorre de maneira velada até a atualidade.

De acordo com Del Priore (2006), a sociedade burguesa do século XIX tinha como essencial o trabalho masculino, uma sociedade altamente machista e opressora com relação à mulher e sua emancipação. Assim, a mulher fora educada para o casamento e os afazeres domésticos. O lar para as mulheres da elite tinha a aparência de reino, entre as camadas mais baixas da sociedade era difícil imaginar que alguém pudesse “reinar” nos cortiços em que vivia a maioria da população.

Essas mudanças no perfil feminino tinham o seu preço, pois mesmo diante dessas transformações a mulher tinha que manter seu ar modesto e impor respeito, uma vez que até então essas mulheres eram submissas e só saíam à rua, acompanhadas de seus respectivos pais, irmãos ou maridos, ou seja, acompanhadas de homens da família ou mesmo uma mulher que tivesse grau de parentesco.

Em relação às mulheres pobres, as mudanças eram consideradas perigosas e essa consideração tinha todo um respaldo científico. Diante dessa sociedade opressora para o mundo do trabalho e também para as relações sociais de maneira geral, a mulher que cometesse adultério sofria retaliações e punições como afirma Rachel Soihet (2006).

A fragilidade, o recato, o predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, a subordinação da sexualidade à vocação maternal. Em oposição, o homem conjugava à sua força física uma natureza autoritária, empreendedora, racional e uma sexualidade sem freios. As características atribuídas às mulheres eram suficientes para justificar que se exigisse delas uma atitude de submissão, um comportamento que não maculasse sua honra. (SOIHET, 2006, p.363).

Além da submissão imposta à mulher, a mesma sendo casada deveria dar um bom exemplo e se distinguir socialmente, respeitando o Código Civil da moral e dos bons costumes, evitando assim que seu cônjuge passasse por qualquer constrangimento frente à sociedade.

Desde últimas décadas do século XIX, as mulheres vêm lutando frente ao machismo, batalhando para conseguir mais abertura no espaço público e privado.

Em todas as áreas, pode-se notar o quanto as mulheres buscaram, lutaram e conquistaram seu espaço na sociedade, derrubando as barreiras do preconceito e do machismo que expressam a mulher como dona de casa abdicada de todo e qualquer direito sobre o seu corpo, proibida até de expressar seus pensamentos. A partir dessa inquietação feminina, surgiu o movimento feminista que tinha como fundamento precípua a libertação da mulher das amarras de uma sociedade patriarcal³.

Essas mulheres lutavam para romper com um estereótipo criado por um pensamento machista que diminuía a mulher perante a sociedade e perante a literatura. A luta pela busca da identidade feminina nos tornou mais fortes e ao mesmo tempo frágeis, pois FUNCK (2011. P. 67), também afirma: “minha experiência como mulher necessariamente exclui outras experiências de “mulheridade”, universalizando o particular e generalizando o local”. Ao afirmar que ser mulher é:

Um indivíduo cuja subjetivação ocorre dentro de normas e comportamentos socialmente definidos como femininos pelo contexto cultural em que se insere, seja aceitando-os ou rebelando-se contra eles. (FUNCK, 2011, p. 67).

Ao analisarmos socialmente, devemos levar em consideração a raça, a classe social e as questões religiosas. Para Simone de Beauvoir (1949, *apud* FUNCK, 2011, p. 54) “O homem é definido como ser humano e a mulher é definida como fêmea. Quando ela comporta-se como um ser humano é acusada de imitar o macho”.

Para a autora, o problema não é efetivamente a diferença em si, entre o homem e a mulher, mas sim “o modo pelo qual a diferença é apreendida e tratada como imperativa e essencial” (FUNCK, 2011, p. 69).

O movimento feminista foi o grande responsável por essas mudanças no que concerne a mulher na sociedade, perpassando da cultura ao direito, atuando em diferentes segmentos, conquistando direitos igualitários em relação ao homem. Em

³ No Brasil, um marco relevante para a crítica literária feminista é o surgimento do GT Mulher e Literatura da Anpoll em 1985, de modo que as pesquisas sobre o tema desenvolveram-se em torno de dois conceitos sobre o feminino: o da experiência e o da identidade. “Parece-me que não é leviano afirmar que a mulher éramos nós – acadêmicas brasileiras, na maioria, brancas, heterossexuais e de classe média”. (FUNCK, 1992. p.65).

pleno século XXI, essa luta ainda está em desenvolvimento, pois apesar de muitas conquistas, no campo profissional, a mulher que exerce a mesma função que o homem ainda embolsa uma remuneração inferior a este, ainda é discriminada pela sociedade. A luta tem como finalidade combater o machismo - grande mazela social, essa dominação cultural de um gênero em detrimento a outro.

Observa-se que os avanços conquistados são provas da autonomia das mulheres, muitas lutam por seus objetivos para que em um futuro próximo não haja discriminação por gênero e que suas histórias sirvam de base para que novas atrocidades contra elas não se repitam e se aprenda com os erros outrora cometidos.

Esses progressos são as provas de que a mulher tem conquistado inúmeros direitos ao longo dos tempos, tornando-se uma figura importantíssima para analisar a sociedade através da história e da literatura. Especificamente a mulher do século XIX, que deixa de ser vista apenas como figura decorativa e inicia seu processo de emancipação, como pode ser visto na obra *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo (1890).

No romance de Azevedo, as personagens femininas, em sua maioria, rompem com os paradigmas de mulher submissa e ausente das decisões familiares. Algumas personagens quebram com o modelo patriarcal e machista do século XIX, a exemplo de Rita Baiana e Pombinha, que apresentam comportamentos que só eram aceitáveis para os homens nessa época.

Percebe-se que há personagens que se encontram no liame dessa mudança, ou seja, não conseguiram se desprender desses padrões arcaicos, sendo submissa e manobrada pelo homem, como é o caso da personagem Bertoleza, que mesmo oriunda de uma situação de miséria, como a escravidão, não se desvinculou disso, comportando-se como escrava do seu próprio companheiro.

Essas representações da mulher, analisadas e vislumbradas, através das três personagens de *O Cortiço*, Rita Baiana, Bertoleza e Pombinha, ratificam o quão heterogêneas e complexas são as mulheres, afinal são a soma do que viveram com suas ideologias, o que as tornam únicas.

3. O ROMANCE NATURALISTA

3.1 O Naturalismo

No século XIX houve a transformação do modelo socioeconômico onde vislumbrava a grande concentração populacional, como o êxodo rural e as transformações na elite brasileira, que seguia o modelo das grandes metrópoles europeias – a *Belle Époque* – a exemplo da França e da Inglaterra.

Em meio a essas mudanças, nasceu a obra de Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, que em plena efervescência do século XIX, em uma época repleta de transições e inquietações na filosofia, ciência, política e religião, por ser de uma família atípica para a época, pois sua mãe era uma mulher separada e se envolveu com um homem viúvo dessa união nasceu Azevedo. Situação que a sociedade não vislumbrava com bons olhos. Nota-se que essa vivência em grupos marginalizados que possuem estereótipos que a sociedade de pronto não aceita, talvez possa explicar essa predileção do escritor para com temas como preconceito, miséria moral e intelectual.

De acordo com Bosi (2006), a obra inaugural do Naturalismo no Brasil foi “*O Mulato*” de Aluísio de Azevedo, no ano de 1881. Posteriormente escreveu *O Cortiço* (1890), obra do nosso estudo. Tal autor escrevia sobre temas como: desejos humanos, instintos, loucura, violência, traição, miséria, exploração social e acerca da realidade injusta ao qual estava inserido.

Levando-se em consideração a obra *O Cortiço* (1890), nota-se de pronto que o título já evidencia o ambiente onde a história se passa, o cenário é uma habitação coletiva, popularmente chamada de cortiço. Discutindo as teses naturalistas que segundo Bosi (2006) explicam que os autores naturalistas levavam os princípios realistas ao extremo, pois abarcavam o tema em uma acepção puramente biológica, mostrando as patologias e as mazelas de um povo que viviam de impulsos como se animais irracionais os fossem, expondo seus personagens com base na influência do meio, da raça e do momento histórico.

O ambiente é a mola propulsora para o desenvolvimento e descrição da narrativa, sendo uma característica do Naturalismo a análise do homem e da

sociedade em suas descrições minuciosas, com temas patológicos explicitando, sobretudo, a zoormofização do ser humano, movido pelo desejo e instinto sexual. Toda essa coletividade se empenha incessantemente na própria sobrevivência, que só é conquistada com muito sofrimento. Assim, Azevedo, ao caracterizar o ambiente, preocupa-se com os conflitos da época que influenciaram e interferiam no comportamento das camadas da sociedade.

O Naturalismo vislumbrava o mundo através das forças da natureza, o ser humano estava “preso” às suas características biológicas (hereditariedade) e no meio social em que vivia, a realidade era mostrada através de uma forma científica (influência do Positivismo). Na literatura, ocorria muito o uso de descrições de ambientes e de pessoas, influenciadas pelo evolucionismo de Charles Darwin (Bosi, 2006. p. 190).

Para Candido (1993, p.13), a animalização ou zoormofização que incide sobre as personagens de *O Cortiço* (1890) é diferenciada e mediada pela categoria trabalho: “os pobres que trabalhavam em condições brutais e desumanas (Bertoleza, Jerônimo, João Romão, este antes de ascender socialmente) são formalizados de modo muito mais animalesco, reflexo das condições a eles oferecidas”.

Candido (1993) destaca que Azevedo, embora tenha bebido da fonte de Émile Zola – *L’Asson Moir* (1877), utilizou uma linguagem própria, tornando a obra genuinamente brasileira. De acordo com Candido:

A obra *O Cortiço* é tematicamente mais variada, porque Aluísio de Azevedo concentrou no mesmo livro uma série de problemas e ousadias que Zola dispensou entre vários romances de sua obra cíclica (CANDIDO, 1993, p.113)

Azevedo em sua obra *O Cortiço* (1890), traz minúcias de uma sociedade recém-saída do Império, sociedade esta que respirava novos ares de “liberdade”, que buscava através do trabalho sua ascensão social.

Contraponto ao texto de Antônio Candido, Afonso de Sant’anna (1973) analisa o romance a partir de uma perspectiva estruturalista, partindo de pressupostos de que o romance se estrutura a partir do discurso científico, sendo teleguiado em todos os níveis arquitetônicos e composicionais por princípios da termodinâmica. Assim, para Sant’anna o romance é um transplante de modelos científicos que regem a totalidade das situações narrativas.

O cortiço, espaço narrado no romance de Azevedo é um organismo biológico vivo, seu espaço se difere de qualquer outro até então representado no naturalismo, pois o autor atribui-lhe características humanas, permitindo com que as personagens simples e marginalizadas perante a sociedade como a mulher, por exemplo, tivessem sua notoriedade e espaço dentro da obra.

3.2 A Personagem

A personagem é um ser ficcional criado pelo autor, com base em fatos históricos, memórias, sentimentos e imaginações. Ao lermos um romance podemos estabelecer uma relação de intimidade ou distanciamento com o autor. E o que causa esse relacionamento é justamente a personagem que nos é apresentada através da narrativa.

Candido ao definir o conceito de personagem, afirma que não existem personagens sem enredo.

Quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem nos problemas em que se enredam na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente. O enredo existe através das personagens, as personagens vivem o enredo. (CANDIDO, 2011, p.53).

Ao analisarmos as personagens do romance *O Cortiço* (1890), percebemos o quão estão interligadas ao enredo. Imaginamos a efervescência da vida no espaço narrado, notamos as particularidades de cada personagem descrita pelo narrador em terceira pessoa, que parece dar vida a aqueles seres fictícios.

Segundo Candido (2011, p. 54), “A personagem vive o enredo e as ideias, e os torna vivos”. A personagem parece ser o que há de mais vivo em uma obra, depende basicamente da aceitação por parte do leitor. O romance se constitui na relação entre um ser vivo e o ser fictício que é criado pelo escritor de forma racional, que delimita sua existência e nos possibilita várias interpretações acerca da sua existência.

No entanto, Candido (2011, p. 59) também afirma: “O escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva de existência e a natureza do seu modo-de-ser”. Desta forma, devemos nos atentar às nossas interpretações a respeito da personagem para que não fuçamos da linha de coerência estabelecida pelo autor.

Ao analisarmos três das diversas personagens de *O Cortiço* (1890), inconscientemente damos vidas a elas, pois estão interligadas ao enredo que muitas das vezes pensamos que Azevedo inspirou-se nos fatos reais e cotidianos para compor seu romance e que elas são de fato o que há de mais importante no romance.

Ressalta-se que, segundo Candido, é um erro pensarmos que a personagem é a espinha dorsal do romance, dissertando o seguinte: O fato de pensarmos que tal personagem foi inspirado em um ser real se deve ao fato de que o autor, muitas vezes, utiliza-se da verossimilhança, ou seja, utiliza-se da realidade, de traços de alguém através da observação de comportamentos ou às vezes utiliza fatos históricos para compor tal personagem.

Segundo nos mostra Brait (1985, p. 29), essa concepção de *mimeses* “empobrecia as afirmações do conceito de verossimilhança do discurso aristotélico”. A aproximação de esse ser fictício com a situação narrada nos faz pensar e acreditar que tal personagem foi criada, inspirada em algo ou alguém.

Oriunda do grego, *mimeses* significa “imitação”, indica a ação ou faculdade de imitar; cópia, reprodução ou representação da natureza, o que constitui, na filosofia aristotélica, o fundamento de toda a arte.

Ressalta-se que tal fenômeno não é um exclusivo do processo artístico, pois toda atividade humana inclui procedimentos miméticos como a dança, a aprendizagem de línguas, os rituais religiosos, a prática desportiva, o domínio das novas tecnologias, etc. Por esta razão, Aristóteles defendia que era a *mimeses* que nos distinguia dos animais.

Assim, a imitação é apenas uma maneira de tornar o fato ou um dado real, verossímil, para quem ver, de modo a aproximar, a partir da identificação é que nos tornamos parte e nos envolvemos com a história contada, de modo a pensarmos que o fato é real de tão próximo da nossa realidade.

Afinal, aprendemos a partir dos exemplos, estes nos aproximam, de tal modo que se vislumbrarmos uma dada realidade, iremos imitá-la de alguma forma,

semelhante ao que ocorre no convívio social, pois ao convivermos com as pessoas temos uma tendência, a imitar/reproduzir gestos e até mesmo a fala.

Tal representação é apresentada em duas escolas literárias: O realismo e o naturalismo que abarcam essa psicologia trazendo assim para as suas personagens uma aproximação com o leitor que em muitos romances se confundem ou se veem naquele determinado personagem, seja este através dos seus amores, seus medos ou sua realidade social. “Aos realistas e naturalistas coube perseguir a exatidão monográfica dos estudos científicos dos temperamentos e dos meios sociais”. (Bosi 2006, p.38).

Completa-se então, que o modo de interpretação e avaliação da personagem mesmo sabendo que está é um ser ficcional, continua sendo um ser real. Afinal, parte de fatores subjetivos, portanto, individuais, que faz com que nos identificássemos ou não com uma dada ação do personagem, daí vem o fascínio com os antagonistas, pois, em sua maioria, dada a complexidade, são irreverentes e despidorados, tomam atitudes que muitas o leitor queria fazer o mesmo, mas por uma questão moral se repele.

Beth Brait, em seu livro *A Personagem* (2006), nos esclarece que:

Partindo da premissa de que a personagem é um habitante da realidade ficcional, de que a matéria de que é feita o espaço que habita são diferentes da matéria e dos espaços dos seres humanos, mas reconhecendo também duas realidades mantém um íntimo relacionamento. (BRAIT, 2006, p. 11-12).

Notamos assim, que por mais ficcional que uma personagem possa ser, o autor há de beber na fonte da vida real, inspirando-se assim em alguma realidade, seja ela um fato histórico ou apenas observando alguns comportamentos humanos. Afinal, o autor retira de suas experiências e de suas observações o que escreve, pois, o ato de registrar suas ideias em um papel é realizado de forma motivada, portanto, parte de uma dada realidade em que o autor esteja inserido, recriando o mesmo e dando espaço para que as personagens possam se movimentar dentro do enredo, ou seja, o desenrolar de um drama, de uma ação ou até mesmo de um diálogo.

As personagens podem se configurar como planas e esféricas. Quanto à primeira, Brait afirma:

São construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade. Geralmente, são definidas em poucas palavras, estão imunes à evolução no transcorrer da narrativa, de forma que as suas ações apenas confirmem a impressão de personagens estáticas, não reservando qualquer surpresa ao leitor. (BRAIT, 2006, p.40-41)

Essas personagens são reconhecidas com facilidade sempre que aparecem e também lembradas pelo leitor, já que não há alteração em seu modo ser, como no caso da personagem Bertoleza.

Brait (2006) subdivide as personagens planas em *tipo* e *caricatura*. Quanto a *tipo* são aquelas que alcançam o auge da peculiaridade sem se modificar. As personagens planas *caricaturas* são aquelas em que sua qualidade ou ideia única é levada ao extremo, proporcionando uma distorção propositada, geralmente favorece a sátira. Brait define a segunda da seguinte maneira:

São aquelas definidas por sua complexidade, apresentando várias qualidades ou tendências, surpreendendo convincentemente o leitor. São dinâmicas, são multifacetadas, construindo imagens totais e, ao mesmo tempo, muito particulares do ser humano. (BRAIT, 2006, p.41)

As personagens esféricas são complexas e surpreendentes, criam um elo com o leitor por sua aproximação com a realidade. Esse tipo de personagem é criado para agir como ponte para a investigação da complexidade do ser humano.

Para Candido (2011, p. 63) “A prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente”. Podemos observar essas características esféricas nas personagens Pombinha e Rita Baiana, pois mesmo tendo suas características bem definidas pelo autor, nos surpreendem a cada fato nos apresentados ao longo do romance.

Entramos no universo da personagem porque esta é muito próxima da vida real, dos fatos cotidianos, fazendo com que depositamos nossas “esperanças” de superação nela e não no ser vivo que por vezes é tão decepcionante. Portanto, a personagem é um ser mais coeso e completo do que o ser humano, como afirma Candido.

A personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como ser vivo. Para tanto, deve lembrar um ser vivo, isto é, manter certas relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ação e de sensibilidade que possa equiparar ao que conhecemos na vida. (CANDIDO, 2011, p. 65)

Ao dar vida a uma personagem o autor deve manter o que há de mais verossímil entre o ser fictício e o ser humano, para dar mais vivacidade a sua obra. Ele pode tomar como modelo um fato, uma determinada situação e acrescentar a ela uma incógnita pessoal sem que esta seja revelada nas entrelinhas do romance. O autor é detentor do conhecimento máximo da sua personagem, pois foi ele quem a criou – “O romancista sabe tudo ao seu respeito” (Candido, 2006, p.66). Enquanto que na vida real, o ser humano é uma eterna incógnita.

O autor cria seu próprio mundo, utiliza-se da memória para compor sua personagem que pode ser reflexo de sua personalidade, ou podem serem cópias fiéis de pessoas reais, ou através de um minucioso trabalho de observação de um determinado indivíduo. Mauriac (*apud*, CANDIDO, 2011) afirma que:

Há uma relação estreita entre a personagem e o autor. Este a tira de si (seja da zona má, da zona boa) como realização de virtualidades que são projeções de traços, mas sempre modificação, pois o romance transfigura a vida.(Candido, 2011, p. 67).

Há um limite estabelecido entre o imaginário do autor e a representação da personagem. “O romancista segundo Mauriac, deve conhecer seus limites e criar dentro dele”. (CANDIDO, 2011, p. 68).

Assim, de acordo com o referido autor, “Logo, quando se fala em cópia do real, não se deve ter em mente uma personagem que fosse igual a um ser vivo, o que seria a negação do romance” (CANDIDO, 2011, p. 69). Afinal, embora, a personagem seja inventada, devemos reconhecer que nela há traços condizentes com a realidade, seja ela a do autor ou do mundo que o cerca. O fato é que não podemos afirmar categoricamente que a personagem é obra única e exclusiva da invenção do autor, sem que este tenha se inspirado em seres reais.

4. AS REPRESENTAÇÕES DA MULHER NO ROMANCE *O CORTIÇO* DE ALUISIO DE AZEVEDO: A ANÁLISE

De acordo com Bosi (2006) na ânsia de desmistificar a dicotomia história e ficção uma vez que o romance *O Cortiço* é uma obra ficcional, pois a mesma não necessita obrigatoriamente de uma verossimilhança com a realidade. No início do Século XIX, tentou-se uma ruptura com esses elementos ficcionais, pois possuíam conotação pejorativa, uma vez que eles se remetiam a uma "mentira", considerando que a história deveria se deter a realidade – a verdade - não as meras fantasias.

No entanto, tal ideia desapareceu, visto que se admitiu, a posteriori, que a história não deveria abominar a ficção, afinal apesar de possuírem planos epistemológicos diferentes, ambas se utilizam de narrativas idênticas e são representações da realidade, ou seja, são perspectivas, olhares que não necessariamente se baseiam em uma verdade.

Debruçando-se na obra *O Cortiço*, nota-se que possui inúmeros personagens, o autor dá ênfase a várias personagens femininas, em destaque Rita Baiana, Bertoleza e Pombinha, que vivem em uma condição desumana, vivem amontoadas em um cortiço, além de serem exploradas pelo dono do cubículo, João Romão e pelo meio em que viviam, tendo como pano de fundo, a própria constituição da nação brasileira, através da miscigenação racial e cultural.

Esse destaque para as mulheres era inovador, afinal, antes do século XIX, havia poucas obras que as retratavam e até as que faziam, eram mostradas como criaturas excepcionais. A literatura de Azevedo estabelece uma relação direta com a condição da mulher nos últimos séculos, embora seja uma obra escrita no final do século XIX, há traços bastante atuais, pois apresenta uma mulher independente e de personalidade forte.

Os personagens protagonistas mulheres do romantismo brasileiro eram "comuns" (Iracema, Lucíola, Isaura...) e no romance da estética Naturalista também (O Seminarista, Luzia Homem, etc.). O que se configura como traço inovador é o protagonismo das personagens femininas das classes trabalhadoras. O que fugia aos quadros comuns das mulheres burguesas que eram retratadas no romantismo quase como anjos de candura ou que iam para outro extremo como nocivas e tenebrosas.

Assim a literatura expande a figura da mulher, como dona de casa, mãe e esposa, embora houvesse alguns avanços, esses valores patriarcais são inerentes à sociedade, pois modernamente, a mulher que trabalha fora ainda ao chegar a sua residência deve exercer com maestria o papel de mãe, de esposa e de dona de casa, mantendo ainda resquícios de uma condição subalterna ao homem.

Contudo, o mencionado autor ressaltou que não são apenas os atrasos e os arcaísmos que assolam a sociedade, pois a partir do século XIX, mulheres, especialmente as pobres, evidenciadas na obra em análise, eram mães solteiras que viviam sozinhas, concubinas que chefiavam suas famílias com o fruto do próprio trabalho ou mulheres que dividiam com os homens a responsabilidade pelo sustento familiar, vivenciando, dessa forma, uma liberdade impensável para as mulheres das camadas mais altas. “Por uma questão de sobrevivência, participavam do mercado de trabalho informal, embora numa posição subalterna, ganhavam quantias ínfimas, sendo, assim, sua condição de gênero agravada por sua classe social” (SOIHET, 1989).

Na obra *O Cortiço* evidencia-se os perfis das mulheres das camadas mais pobres, de como se comportam, levando-se em consideração o meio ao qual estão inseridas e a sua visão em relação ao homem, sendo de subordinação ou de coordenação, os três perfis escolhidos foram das mulheres: Rita Baiana, Bertoleza e Pombinha.

Neste trabalho, diante dos limites propostos, analisaremos a obra *O Cortiço* considerando os aspectos históricos e literários, os quais procuram corroborar com a figura da mulher no século XIX. Mais especificamente Rita Baiana (RB), Bertoleza (B) e Pombinha (P).

4.1 RITA BAIANA

Logo nas primeiras linhas do romance *O Cortiço*, Rita Baiana é apresentada como uma mulher sem pudores, sem “frescuras”, apenas com uma imensa vontade de aproveitar a vida, assim vivia o momento e não se importava de trocar suas obrigações de lavadeira por um pagode. Rita Baiana é descrita em movimentos sensuais onde suas curvas sinuosas são destacadas, despertando desejos e

paixões entre os homens e inveja nas mulheres, por isso de início, a personagem já recebe adjetivo de “assanhada”.

(1) Aquela não endireita mais![...] cada vez fica até mais assanhada!... Parece que tem fogo no rabo! Pode haver o serviço que houver, aparecendo pagode vai tudo pro lado! Olha que saiu o ano passado com a festa da Penha! (AZEVEDO, 2004 p.44).

Rita Baiana quebra com todos os paradigmas de mulher submissa e recatada. Mesmo assim, a “assanhada” do Cortiço é bem quista por todos os moradores.

(2) – Ainda assim não é má criatura [...] Tirante o defeito da vadiagem [...] – Bom coração tem ela, até demais, que não guarda um vintém pro dia de amanhã. Parece que o dinheiro lhe faz comichão no corpo. (AZEVEDO 2004, p.45).

No recorte (1), Rita Baiana é descrita através de termos como assanhada, que tem “fogo no rabo”, daí a conotação sensual da personagem que tem uma liberdade sexual ainda atípica em relação à maioria das mulheres, daí ocorre o choque entre as atitudes da personagem e a visão do narrador nesse universo animalesco em que pessoas se resumem a elementos de decoração do ambiente.

Além disso, Rita Baiana possui um perfil que se enquadra perfeitamente ao perfil da boa vida, da malandra na perspectiva dos vizinhos que a observavam o jeito despreocupado e festeiro da moradora do cortiço. Ressalta-se no recorte (2) que mulher ora analisada não era má, afinal era bem quista por todos os moradores do cortiço, embora fosse criticada por alguns que não compreendiam sua escolha de vida, muito moderna para a época, evidenciando a inveja que ela motivava.

(3) Casar? Protestou a Rita. Nessa não cai filha de meu pai! Casar? livra! Para quê? Para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava! [...] não há como viver cada um senhor e dono do que é seu! (AZEVEDO, 2004, p.62)

Outra característica explicitada no recorte (3) é a ideia moderna de Rita Baiana acerca do casamento, utilizando-se de argumentos que comumente se vê os homens usando, como a questão do casamento tolher a liberdade, desse modo, a personagem opta por uma vida sem cativos, sem algemas, pois elegia seus homens, tendo a possibilidade de ter mais de um amante, por isso Rita era admirada pela sua maneira despreocupada de viver a vida.

(4) Era a luz ardente do meio-dia; era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que não se torce a nenhuma outra planta; era o veneno e o açúcar gostoso. (AZEVEDO, 2004, p.78)

Contradizendo com a descrição física da Rita Baiana, no recorte (4), ela era atração e a luz ardente do cortiço, hipnotizava cada pessoa que adentrava no cubículo, segundo Jerônimo que não resiste ao charme, beleza e sensualidade dessa mulata genuinamente brasileira, ela é descrita como possuidora de uma beleza fora dos padrões, sendo alvo do assédio principalmente de homens casados.

(5) O cavaquinho do Pórfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano. Nada mais do que os primeiros acordes da música crioula para que o sangue de toda aquela gente se despertasse logo, como se alguém lhe fustigasse o corpo com urtigas bravas. (AZEVEDO, 2004, p.76)

Outra característica inerente a Rita Baiana é a musicalidade, que dançava samba, pagode e dança de roda, evidenciando a respeito dos gestos, das variações do ritmo, dos instrumentos utilizados, tal musicalidade, juntamente com literatura vai construindo a história e a identidade de uma sociedade tipicamente brasileira.

Por fim, nota-se que a personagem é mulata, oriunda da miscigenação desse país, apesar das limitações financeiras sempre está bem vestida, perfumada, que não se escusa de uma festa, mesmo que tenha trabalho, que não está atenta para poupar dinheiro, afinal, vive o aqui e o agora, não se preocupando com o futuro. Repudia demasiadamente qualquer compromisso, principalmente o casamento, pois preza pela liberdade, porém, vive o amor intensamente e se utiliza de um jogo de sedução que lhe é peculiar para atrair seus parceiros, chegando até a ser disputada por eles, em suma, a Malandra do samba, que dança e que canta como ninguém está incorporada em Rita Baiana.⁴

⁴ O comportamento sensual e de ruptura da personagem Rita Baiana expressa à própria visão naturalista. Há de levamos em conta que esse estereótipo de que a mulher genuinamente brasileira é a mulata faceira, que tem samba no pé e exala sexualidade ainda é muito presente nos dias de hoje.

3.2 BERTOLEZA

Bertoleza é quitandeira, crioula, escrava, porém quando conquistou sua “liberdade”, através de uma falsa carta de alforria forjada por João Romão, seu então companheiro, se prendeu a este que a trata como se fosse seu dono, por isso, uma das características que define essa personagem é a subordinação, afinal ela se coloca em posição de total inferioridade em relação a todos que a cercam. Nota-se que Rita Baiana e Bertoleza mesmo sendo mulheres, uma negra e a outra mulata possuem visões opostas, uma preza a liberdade à outra se submete a prisão que se molda através da segurança de um casamento informal, por ser velha, negra e escrava, via nesse relacionamento seu único porto para a velhice que chegara.

(6) Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua. (p. 2)

Através deste trecho podemos perceber a teoria do Determinismo, "o homem é um animal, presa de forças fatais e superiores" (COUTINHO, 2002 p.12). Bertoleza é um produto do meio, da raça e do contexto histórico, que se une a um homem branco, superior, em ascensão social e via nele sua carta de alforria.

(7) Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. (p.2)

Bertoleza representava tipicamente o papel da mulher submissa e recatada, não aos moldes burgueses, mas sim de uma sociedade machista ao servir ao seu companheiro João Romão como uma mera escrava. Por ser negra e ter vivido maior parte da sua vida cativa, encontrou nesse relacionamento uma possibilidade de ser livre e feliz. Felicidade esta que nunca conhecera. Trabalhou intensamente para ajudar seu companheiro a enriquecer, colocando-se aos pés dele, este por sua vez aproveitou-se de sua condição de escrava e a explorava dia e noite, Bertoleza por conhecer apenas essa “liberdade” continuou a servi-lo, como se escrava dele o fosse.

(8) Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna [...] à noite passava-se para a porta da venda [...] fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços e à noite passava-se para a porta da venda [...] fritava fígado e frigia sardinhas (p.3).

Nos recortes (6) (7) e (8), Bertoleza exercia um triplo papel de vendedora, criada e por fim o de amante, por isso ratifica-se a condição de escrava que ela vivia demonstrando o contexto social da época, assinalado pelo advento da burguesia em ascensão, advento da ciência no mundo, além das teorias deterministas da época, influenciaram muito no perfil de inferioridade diante do seu homem. “E a Bertoleza, sempre suja e tisonada, sempre sem domingo nem dia santo, lá estava ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos.” (p. 34). Esses ideais burgueses estão enraizados na figura de João Romão que busca incessantemente a acumulação de bens, atuando como opressor e explorador, pois se aproveita da classe baixa para assim angariar bens e lucros, afinal a burguesia visava antes de tudo o controle social que tinha como objetivo o crescimento econômico dessa classe em ascensão.

(9) Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviços, sem domingo nem dia santo; essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo; pelo contrario, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava rasteira [...] abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem. Começou a cair em tristeza. (p. 97).

No que se refere ao meio que se passa a história, homônimo do título do livro, é notório que o espaço, o cubículo, influencia diretamente os comportamentos dos que lá habitam, sendo, portanto uma reprodução da dicotomia os ricos e os explorados. Por isso que Bertoleza sofre essa influência, morando no cortiço não poderia fugir da sua condição, pois está algemada nesse sistema econômico, o capitalismo.

(10) Na sua obscura condição de animal de trabalho, já não era amor o que a mísera desejava, era somente confiança no amparo da sua velhice quando de todo lhe faltassem as forças para ganhar a vida. E contentava-se em suspirar no meio de grandes silêncios durante o serviço de todo o dia, covarde e resignada, como seus pais que a deixaram nascer e crescer no cativeiro. Escondia-se de todos, mesmo da gentinha do frege e da estalagem, envergonhada de si própria, amaldiçoando-se por ser quem era, triste de sentir-se a mancha negra, a indecorosa nódoa daquela prosperidade brilhante e clara. (p. 128).

Ao ver a ascensão do seu companheiro, a escrava começa a perceber que todo o seu empenho e trabalho ao lado dele de nada adiantou para si, pois continuava a ser escrava e pobre. Mais uma vez notamos de pronto a teoria do Determinismo, Bertoleza nascera escrava e morreria escrava e submissa a um homem que a explorava economicamente e sexualmente.

Conclui-se que a análise de Bertoleza tem como destaque a submissão, tendo suas características extremamente influenciadas pelas ideias em ascensão no século XIX.

4.3 POMBINHA

Diferentemente das outras duas personagens ora analisadas, Pombinha era a mais instruída e por desconhecer a exploração seja social, seja sexual, era enclausurada em um mundo próprio, fantasioso. “A filha era à flor do cortiço {...}. (p.37)” Ainda sobre este aspecto o autor enfatiza que:

(11) As mãos ocupadas com o livro de rezas, o lenço e a sombrinha [...] é mesmo uma flor [...] forçando pelos dezoito anos, não tinha pago a natureza o cruento tributo da puberdade.(p.38).

Nos recortes (11) e (12), Pombinha, filha de Dona Isabel, era uma garota de 18 anos, branca, inocente que ainda não havia se tornado mulher. Após anos esperando o momento de se casar, logo irá se separar do marido, trocando-o pelo prazer sexual de uma relação homossexual com Leónie, madrinha de uma das crianças moradoras do cortiço. Tudo iniciou através dos estímulos para que adentrasse na puberdade.

(12) - Vem cá, minha flor!... disse-lhe, puxando-a contra si e deixando-se cair sobre um divã. Sabes? Eu te quero cada vez mais!... Estou louca por ti! E devorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina, enchendo-a de espanto e de um instintivo temor, cuja origem a pobrezinha, na sua simplicidade, não podia saber qual era. (p. 135)

Após o fato ocorrido, Pombinha tem sua primeira menarca, e junto com a transformação física do seu corpo, agora se tornara mulher, ocorre também uma transformação em seu modo de ver o mundo. Passando de uma menina ingênua a uma mulher forte e decidida, que descobre seu poder frente à fragilidade masculina em relação aos encantos femininos e seus relacionamentos amorosos.

(13) Porque, só depois que o sol lhe abençoou o ventre, depois que nas suas entranhas ela sentiu o primeiro grito de sangue de mulher, teve olhos para essas violentas misérias dolorosas, a que os poetas davam o bonito nome de amor. A sua intelectualidade, tal como seu corpo, desabrochava inesperadamente, atingindo de súbito, em pleno desenvolvimento, uma lucidez que a deliciava e surpreendia. (p. 93).

Essas mudanças de comportamento ocorreram após a forçada relação sexual com a amiga. Assim, Pombinha tornou-se mais adulta diante das adversidades, e dona dos seus desejos, além disso, foi posta a prova para que não ficasse fechada em uma bolha diante das mazelas sociais.

(14) E na sua alma enfermiça e aleijada, no seu espírito rebelde de flor mimosa e peregrina criada num monturo, infeliz violenta, [...] a moça pressentiu bem claro que nunca daria de si ao marido que ia ter uma companheira amiga, leal e dedicada; pressentiu que nunca o respeitaria sinceramente como a um ser superior por quem damos a vida. (p. 94).

No recorte (14), depreendemos que a personagem após suas transformações físicas e psíquicas, rompe com o estereótipo da mulher submissa, resignada ao casamento e aos afazeres domésticos. Mas por amor a sua mãe, Pombinha aceita submeter-se a esse martírio que seria o seu casamento com um homem o qual não o amava.

(15) E não obstante, até então, aquele matrimônio era o seu sonho dourado. Pois agora, nas vésperas de obtê-lo, sentia repugnância em dar-se ao noivo, e, se não fora a mãe, seria muito capaz de dissolver o ajuste. (p. 94).

Por fim, destaca-se que Pombinha era uma jovem influenciada pelos anseios de sua mãe em sair daquela condição de miséria ao qual se encontravam desde a morte de seu marido e sua única esperança era o bom casamento de sua filha com o jovem João da Costa. Mas após o casamento, Pombinha se dá conta que não nascera para a vida de dona de casa, esposa, amante do lar. Ela então larga o

marido e passa a viver com Léonie, rompendo assim com o paradigma comportamental para as mulheres do século XIX.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica para esse trabalho nos possibilitou a discussão em torno da representação da mulher não somente na literatura, mas no Brasil do século XIX, pois a Literatura é um reflexo da sociedade em que ela está inserida.

Ao adentrarmos no universo feminino percebemos o quanto a mulher vem sendo deturpada ao longo do tempo e que é preciso romper com esse discurso machista secular de que a mulher é inferior ao homem tanto na esfera biológica quanto na esfera social. Para romper com tal conceito, nos debruçamos ao estudo dos perfis femininos de três personagens da obra *O Cortiço* (1890) de Aluísio de Azevedo, através do seguinte questionamento: Quais as representações de mulher são usadas predominantemente na obra de Aluísio de Azevedo, *O Cortiço* ao apresentar Rita Baiana, Bertoleza e Pombinha em seu romance naturalista?”. Além disso, definimos como objetivo geral analisar o perfil da mulher evidenciada na obra supracitada de Azevedo, considerando os aspectos históricos e literários, os quais procuram corroborar com a figura da mulher no século XIX.

Quanto à representação dos perfis das personagens femininas analisados na obra *O Cortiço* percebemos que em um ambiente onde a pobreza dita suas regras e as pessoas são tratadas como objetos, mostrando assim a coisificação humana, elemento basilar do naturalismo e da obra de Azevedo. Rita Baiana retrata a mulher a frente do seu tempo, preza pela liberdade em todos os aspectos, é bem resolvida e sensual, encanta a todos os homens com seu jeito de dançar, possui ideias inovadoras e modernas, mas apesar de gozar de mais liberdade também é explorada sexualmente, pois é vista pejorativamente como “mulher pública”, já que é pobre e mulata. Já a Bertoleza é explorada duplamente, é escrava de uma sociedade em que a burguesia está em ascensão, é explorada em casa e no trabalho, é submissa ao seu companheiro, sendo, portanto, o retrato da mulher negra e pobre do Século XIX. Pombinha é a que goza de maior prestígio por ser branca e instruída, mas como mulher também sofre a privação de liberdade imposta às burguesas é traída pelo noivo e só encontra autonomia ao se submeter sexualmente a outra mulher de classe econômica superior. Ela nos remete a ideia de como o meio interfere nos nossos valores morais e sociais, pois Pombinha vivia

em mundo fora da realidade, quando foi colocada diante do adultério do seu noivo, tornou-se mais adulta, se abrindo para o mundo real diante das adversidades ultrapassadas.

Portanto, verificamos a importância da temática exposta, bem como a análise dos perfis das mulheres na obra *O Cortiço* (1890) de Aluísio de Azevedo, como contribuição a todo e qualquer cidadão que mesmo sem ter acesso à determinada literatura percebe o quanto esse pensamento machista está enraizado a nossa cultura.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo, Martin Claret, 2004.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRAIT, Bert. **A personagem** – 8ª Ed. – São Paulo: Ática, 2006, 95 p. – (Princípios; 3)
- CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção** – 12ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. (Coleção debates; 1 / dirigida por J. Guinsburg)
- _____. **De cortiço a cortiço**. In: _____. O discurso e a cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- COUTINHO, Afrânio. **Realismo, naturalismo, Parnasianismo**. In A literatura no Brasil. 6ª ed. Global, 2002.
- DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FUNCK, Susana Bornéo. **O que é uma mulher? – Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina**. Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Vol. 20, N. 31. Brasília: UNB, 2011. p. 65-74.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino**. In: NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. (Orgs.) História da vida privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RAGO, Margareth. **Ser Mulher no Século XXI ou Carta de Alforria** In: VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (orgs.). A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 31-42.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. O Cortiço. In: _____. **Análise estrutural de romances brasileiros**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.
- SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.